

**CARAMBAIA**  
10 ANOS

Amos Tutuola

**O bebedor de vinho de palma**  
e seu finado fazedor de vinho  
na Cidade dos Mortos

ilimitada

Tradução e posfácio  
FERNANDA SILVA E SOUSA

**9 O bebedor de vinho de palma**  
e seu finado fazedor de vinho  
na Cidade dos Mortos

• • •

- 119 Posfácio do autor: Minha vida e atividades  
125 Posfácio: “A existência é” – Os caminhos de  
*O bebedor de vinho de palma*, de Amos Tutuola,  
por Fernanda Silva e Sousa

**O bebedor de vinho de palma**  
e seu finado fazedor de vinho  
na Cidade dos Mortos

Eu era um bebedor de vinho de palma desde os 10 anos. Não fazia mais nada na vida além de beber vinho de palma. Naquela época a gente não conhecia outro dinheiro a não ser os BÚZIOS, então era tudo muito barato, e meu pai era o homem mais rico da nossa cidade.

Meu pai teve oito filhos e eu era o mais velho, todos muito trabalhadores, mas eu mesmo era um bom bebedor de vinho de palma. Eu bebia vinho de palma de manhã até de noite e de noite até de manhã. Àquela altura eu não conseguia beber água pura de jeito nenhum, só vinho de palma.

Mas quando meu pai percebeu que eu não conseguia fazer mais nada além de beber, ele contratou um fazedor de vinho de palma pra mim; o trabalho dele era só extrair vinho de palma, todo dia.

Então meu pai me deu uma fazenda de palmeiras que tinha mais de 2.300 hectares e 560 mil palmeiras, e esse fazedor enchia 150 barris de vinho de palma toda manhã, mas antes das duas da tarde eu já tinha bebido tudo; depois disso, ele ia lá e enchia mais 75 barris que eu ficava bebendo até de manhã. Nesse período eu tinha um monte de amigos que ficava bebendo vinho de palma comigo de manhã até tarde da noite. Mas depois de quinze anos de

trabalho do meu fazedor de vinho, meu pai morreu de repente e quando completou seis meses de sua morte o fazedor foi até a fazenda de palmeiras num domingo à noite extrair vinho de palma pra mim. Quando cheguei lá, ele subiu numa das palmeiras mais altas que tinha para extrair vinho de palma, mas enquanto extraía ele caiu do nada e morreu no pé da palmeira por causa dos machucados. Estava esperando ele trazer o vinho de palma quando percebi que ele estava demorando demais para voltar, pois nunca foi de me deixar esperando tanto tempo assim antes, daí eu chamei dois amigos para me acompanhar até a fazenda. Quando chegamos na fazenda, começamos a vasculhar cada palmeira e, passado um tempo, encontramos ele debaixo da palmeira onde ele tinha caído e morrido.

E a primeira coisa que eu fiz quando achamos ele morto ali foi subir em outra palmeira que tinha perto do local, daí extraí vinho de palma e bebi até ficar satisfeito antes de voltar lá. Eu e os dois amigos que me acompanharam até a fazenda abrimos um buraco debaixo da palmeira onde ele caiu pra fazer uma cova e enterramos ele ali, depois disso voltamos para a cidade.

De manhã bem cedinho eu não tinha vinho de palma para beber de jeito nenhum, e durante aquele dia inteiro eu não me senti feliz igual antes; fiquei sério, sentado na minha sala, e quando deu três dias sem vinho de palma algum, meus amigos todos não vieram mais na minha casa, eles me deixaram sozinho porque não tinha mais vinho de palma pra beber.

Mas depois de uma semana sem vinho de palma em casa eu saí e vi um deles na cidade, daí eu cumprimentei, ele respondeu, mas não se aproximou de mim de jeito nenhum e foi embora às pressas.

Comecei então a procurar outro fazedor de vinho, mas não consegui ninguém que extraísse o vinho de palma do

jeito que eu gosto. Quando não tinha vinho de palma para beber eu bebia água pura, que eu não conseguia beber antes e que não matava a minha sede como o vinho de palma.

Quando vi que não tinha vinho de palma pra mim de novo e ninguém podia extrair pra mim, daí pensei comigo mesmo que os velhos ficavam dizendo que todo mundo que morre nesse mundo não vai direto pro céu, mas fica morando num lugar em algum canto desse mundo. Daí eu disse que ia descobrir onde estava meu finado fazedor de vinho.

Numa manhã muito bonita, peguei todos os meus *jujus*<sup>1</sup> e os *jujus* de meu pai e saí da cidade natal dele para descobrir onde andava o meu finado fazedor.

Naquela época havia muitos animais selvagens e todo lugar era cheio de matas fechadas e florestas; e cidades e vilarejos não ficavam tão perto uns dos outros como hoje, e enquanto eu andava de mata em mata e de floresta em floresta dormi por muitos dias e noites nos galhos das árvores porque os espíritos etc. eram como parceiros, mas também para me proteger deles. E eu podia passar dois ou três meses ali antes de chegar numa cidade ou num vilarejo. Toda vez que eu chegava numa cidade ou num vilarejo, eu passava quase quatro meses lá tentando encontrar meu fazedor de vinho entre os habitantes da cidade ou do vilarejo, e se ele não aparecia, daí eu ia embora e continuava minha jornada para outra

1 Comum em países do oeste africano, como na Nigéria, *jujus* são objetos sacralizados por rituais e poderes divinos, detentores de uma energia que pode ser acionada, como um feitiço lançado, para atingir algum propósito ou provocar alguma transformação. Amuletos, patuás, mascotes são exemplos de objetos que podem ser *juju*, desde que tenham sido sacralizados por sacerdotes ou curandeiros. O portador de um *juju* fica protegido contra infortúnios e espíritos ruins. [NOTA DA TRADUTORA]

cidade ou vilarejo. Depois de sete meses que eu tinha deixado minha cidade natal, cheguei numa cidade e fui até um velho, esse velho não era um homem de verdade, era um deus e quando cheguei lá ele estava comendo com a esposa. Quando entrei na casa cumprimentei os dois, eles me trataram bem, se bem que ninguém devia entrar na casa dele daquele jeito pois ele era um deus, só que eu também era um deus e um homem-*juju*. Daí falei pro velho (deus) que eu estava procurando o meu finado fazedor de vinho de palma, que tinha morrido na minha cidade tempos atrás, ele não me respondeu nada, mas perguntou primeiro qual era o meu nome. Respondi que meu nome era Pai dos Deuses e que podia fazer de tudo nesse mundo, daí ele perguntou: “Isso é verdade?”, e eu disse que sim; depois ele me falou para ir até o ferreiro local de sua confiança num lugar desconhecido, ou que estava morando em outra cidade, e trazer exatamente a coisa que ele tinha pedido pro ferreiro fazer. Ele disse que se eu conseguisse trazer a coisa que ele tinha pedido pro ferreiro fazer, aí ele ia acreditar que eu era o Pai dos Deuses Que Podia Fazer de Tudo Nesse Mundo e ia me contar onde estava o meu fazedor de vinho.

Assim que esse velho me contou ou me prometeu isso, fui embora, mas depois de andar 1,5 quilômetro usei um dos meus *jujus* e me transformei logo num pássaro enorme e voei de volta pro telhado da casa do velho; e enquanto eu estava em cima do telhado da casa dele, muita gente me viu ali. Elas se aproximaram e olharam para mim no telhado, então quando o velho percebeu que muitas pessoas estavam rodeando a casa e olhando pro telhado, ele e sua esposa saíram de casa e, ao me ver (pássaro) no telhado, ele disse pra esposa que se não tivesse me mandado até o ferreiro local para trazer o sino que ele pediu pro ferreiro fazer, ele ia me pedir para dizer o

nome daquele pássaro. No mesmo instante que ele falou isso, eu soube o que ele queria do ferreiro e voei até o ferreiro, daí quando cheguei lá eu contei pro ferreiro que o velho (deus) me falou para trazer o sino que ele tinha mandado fazer. Aí o ferreiro me deu o sino; depois voltei até o velho com o sino e quando ele me viu com o sino, ele e a esposa ficaram surpresos e chocados na hora.

Depois ele pediu pra esposa me dar comida, mas após eu ter acabado de comer ele me disse de novo que ainda tinha outro trabalho maravilhoso para eu fazer antes de me falar onde estava o meu fazedor de vinho de palma. Às seis e meia da manhã do dia seguinte, ele (deus) me acordou e me deu uma rede grande e forte que era da mesma cor da terra da cidade. Ele me pediu pra sair e tirar a Morte da casa dela com a rede. Quando estava a pouco mais de 1 quilômetro da casa dele, vi uma encruzilhada e fiquei em dúvida quando cheguei na encruzilhada, eu não sabia qual delas era a estrada da Morte, e quando pensei comigo mesmo que era dia de feira, e os fregueses logo estariam voltando da feira, eu deitei no meio da encruzilhada, apontando minha cabeça para uma das estradas, minha mão esquerda para um lado, minha mão direita para o outro, e meus pés pro resto, depois fingi que tinha dormido lá. E quando os fregueses da feira estavam voltando da feira, eles me viram deitado lá e gritaram: “Cadê a mãe desse belo menino que dormiu na estrada e botou a cabeça virada pra direção da estrada da Morte?”

Daí eu comecei a andar na estrada da Morte, e demorei umas oito horas para chegar lá, mas pra minha surpresa eu não encontrei ninguém nessa estrada até chegar lá e fiquei com medo por causa disso. Quando cheguei na casa dela (Morte), ela não estava em casa naquele momento, ela estava em sua horta de inhame, que era muito

perto da casa, e eu encontrei um tamborzinho deitado na varanda, daí batuquei pra Morte como um sinal de saudação. Mas quando ela (Morte) ouviu o som do tambor, ela perguntou assim: “Esse homem ainda está vivo ou já morreu?”. Então eu respondi: “Eu ainda estou vivo, eu não morri”.

E no mesmo instante em que ela ouviu isso de mim, ela ficou muito aborrecida e mandou, com uma voz peculiar, que as cordas do tambor me amarrassem; de fato, as cordas do tambor me apertaram tanto que eu mal conseguia respirar.

Quando eu senti que aquelas cordas não me deixavam respirar e que cada parte do meu corpo estava sangrando muito, eu mesmo ordenei que as ramas do inhame da horta amarrassem ela ali e que as estacas do inhame começassem também a bater nela. Depois que falei isso, todas as ramas do inhame da horta, ao mesmo tempo, amarraram ela com força e todas as estacas de inhame bateram nela sem parar, daí quando ela (Morte) viu que as estacas estavam batendo nela sem parar, ela mandou as cordas do tambor me soltarem, e na mesma hora me soltaram. E quando eu vi que estava solto, mandei as ramas de inhame soltarem ela e as estacas de inhame param de bater nela, e logo ela foi solta. Depois de ser solta pelas ramas e estacas de inhame, ela veio até a varanda da casa me encontrar, daí a gente apertou as mãos e ela me convidou para entrar na casa, me arranhou um de seus quartos e passado um tempo me trouxe comida e a gente comeu juntos, depois começou uma conversa que foi assim: ela (Morte) me perguntou de onde eu vinha, respondi que vinha de uma cidade que não era muito longe dali. Aí ela perguntou o que é que eu vim fazer e eu disse que andava ouvindo sobre ela na minha cidade e em todo o mundo e que pensei comigo mesmo que eu

devia um dia visitar ela ou conhecer ela pessoalmente. Depois ela me respondeu que seu trabalho era só matar as pessoas do mundo, daí ela levantou e me disse para eu ir atrás dela e eu fui.

Ela me levou para conhecer sua casa e também sua horta de inhame, me mostrou os ossos de esqueletos de gente que ela tinha matado uns cem anos antes e me mostrou muitas outras coisas também, e lá eu vi que ela estava usando ossos de esqueletos de gente como lenha e crânios humanos como tigelas, pratos e copos etc.

Ninguém morava perto dela ou com ela ali, ela morava sozinha, mesmo bichos da mata e pássaros ficavam bem afastados de sua casa. Então, quando eu quis dormir de noite, ela me arranhou uma grande coberta preta e um quarto separado para dormir, quando entrei no quarto encontrei uma cama que era feita de ossos de gente; mas como essa cama era horrível só de ver ou dormir, eu dormi debaixo dela porque eu já conhecia o truque da Morte. Mas essa cama era tão horrível que eu não consegui dormir debaixo dela quando deitei por causa do medo que eu estava dos ossos de gente, daí eu fiquei deitado lá acordado. Minha surpresa foi ver, lá pras duas da madrugada, alguém entrar no quarto com cuidado e com um porrete pesado nas mãos, ela se aproximou da cama onde tinha falado para eu dormir, daí bateu na cama com toda a força, bateu no meio da cama três vezes e voltou com cuidado, ela achou que eu estava dormindo na cama e também achou que tinha me matado.

E aí, de manhã bem cedinho, eu acordei primeiro e fui até o quarto onde ela estava dormindo, eu acordei ela, daí quando ela ouviu minha voz ela se assustou tanto que não conseguiu me cumprimentar de jeito nenhum quando levantou da cama, porque ela pensou que tinha me matado na noite passada.



E no segundo dia que eu dormi lá ela não tentou fazer mais nada, mas eu acordei às duas da madrugada e fui pra estrada que ia me levar até a cidade e andei uns 400 metros da casa dela até a estrada que dava pra cidade, aí eu parei e cavei um buraco do tamanho dela (Morte) no meio daquela estrada, depois joguei naquele buraco a rede que o velho tinha me dado para trazer ela (Morte), voltei pra casa dela e ela continuou dormindo enquanto eu estava preparando essa armadilha.

Às seis da manhã fui até a porta dela e acordei ela como de costume, daí eu disse pra ela que eu queria voltar para a minha cidade agora de manhã e que eu queria que ela me acompanhasse até uma parte do caminho; daí ela levantou da cama e começou a me acompanhar como eu pedi, mas quando ela me guiou até onde eu tinha cavado, eu pedi para ela sentar ali e eu sentei na beira da estrada, daí quando ela sentou na rede ela caiu no buraco e sem pestanejar eu enrolei ela na rede, pus ela na minha cabeça e continuei indo pra casa do velho que tinha me pedido para buscar a Morte pra ele.

Enquanto eu ia carregando a Morte pela estrada, ela tentava com todas as forças escapar ou me matar, mas não dei chance pra ela. Quando eu já tinha andado umas oito horas, cheguei na cidade e fui direto pra casa do velho que tinha me pedido para buscar a Morte na casa dela. Quando cheguei na casa do velho, ele estava no quarto, daí eu chamei ele e disse que eu tinha trazido a Morte que ele tinha pedido para eu buscar. Mas assim que ele me ouviu dizer que eu tinha trazido a Morte e viu ela na minha cabeça, ele ficou muito assustado e alertou que achava que ninguém ia conseguir pegar a Morte na casa dela e trazer, daí ele me pediu para levar ela (Morte) de volta pra casa logo, e ele (velho) voltou às pressas pro quarto e começou a fechar as portas e janelas, mas antes de

conseguir fechar duas ou três janelas, eu joguei a Morte na frente da porta dele e, assim que eu joguei ela no chão, a rede se desmanchou e a Morte deu um jeito de escapar.

Então o velho e a esposa escaparam pelas janelas e também todo o povo da cidade correu para salvar a própria pele e abandonou suas propriedades lá. (O velho achou que a Morte ia me matar se eu fosse até a casa dela, porque ninguém podia chegar na casa da Morte e voltar com vida, mas eu já sabia do truque do velho.)

Daí que desde aquele dia que eu tirei a Morte da casa dela, ela não tem lugar fixo para morar ou ficar, e a gente fica ouvindo o seu nome pelo mundo. Foi assim que eu levei a Morte pro velho que pediu para eu buscar ela antes de ele (velho) me contar por onde andava o meu fazedor de vinho de palma que eu estava procurando antes de chegar naquela cidade e ir até o velho.

Mas o velho, que tinha me prometido que se eu conseguisse ir até a casa da Morte e trazer ela ia me contar onde estava o meu fazedor de vinho de palma, não conseguiu esperar para cumprir a promessa porque ele mesmo e a esposa escaparam por um triz da cidade.

Então eu deixei a cidade sem saber onde meu fazedor de vinho estava e comecei uma nova jornada.

Quando fazia cinco meses que eu tinha saído daquela cidade, cheguei em outra cidade que não era tão grande, apesar de ter uma feira grande e famosa. Assim que entrei na cidade, fui até a casa do chefe da cidade, que me recebeu com gentileza em sua casa; um tempinho depois ele mandou uma de suas esposas me dar comida e depois de comer ele mandou a esposa me servir vinho de palma também; eu bebi vinho de palma demais, igual eu fazia na minha cidade ou quando meu fazedor estava vivo. E quando eu provei o vinho de palma que me deram lá, eu disse que eu tinha o que eu queria ali. Depois de comer a comida e

beber o vinho de palma até ficar satisfeito, o chefe da cidade que me recebeu como visita perguntou o meu nome, eu disse pra ele que meu nome era Pai dos Deuses Que Podia Fazer de Tudo Nesse Mundo. Quando ele ouviu isso de mim, ele de repente quase desmaiou de medo. Depois perguntou o que é que eu queria com ele. Respondi que estava em busca do meu fazedor de vinho de palma que tinha morrido na minha cidade um tempo atrás. Então ele me falou que sabia onde estava o meu fazedor.

Depois ele me disse que se eu ajudasse ele a encontrar a filha que tinha sido capturada por uma criatura estranha da feira da cidade e trouxesse ela de volta pra ele aí ele ia me dizer onde o meu fazedor andava.

Ele ainda disse que como eu mesmo me chamava de Pai dos Deuses Que Podia Fazer de Tudo Nesse Mundo, fazer isso ia ser moleza pra mim; foi o que ele falou.

Eu não sabia que a filha dele tinha sido levada por uma criatura estranha da feira.

Eu estava quase recusando procurar a filha dele que tinha sido levada da feira por uma criatura estranha, mas quando lembrei do meu nome fiquei com vergonha de recusar. Daí eu concordei em procurar sua filha. Tinha uma grande feira na cidade, onde a filha tinha sido capturada, e o dia de feira estava marcado para todo quinto dia do mês e todo o povo daquela cidade e de todos os vilarejos ao redor e também os espíritos e as criaturas estranhas de várias matas e florestas iam para a feira todo quinto dia do mês para vender ou comprar produtos. Lá pelas quatro da tarde a feira acabava e todo mundo voltava pra casa ou pro lugar de onde veio. A filha do chefe daquela cidade era uma pequena feirante e antes de ser capturada na feira ela ia se casar. Antes do acontecido o pai falava pra ela se casar com um homem, mas ela não ouviu o pai; quando o pai viu que ela não se importava

em casar com ninguém, ele deu a filha para um homem por conta própria, só que a moça se recusou de todo jeito a casar com o homem que seu pai apresentou pra ela. Daí que o pai deixou ela por sua conta e risco.

Essa moça era bonita feito um anjo, mas homem nenhum conseguia convencer ela a casar. Então, um dia ela foi pra feira no dia de feira, como costumava fazer antes, ou para vender seus produtos como sempre; naquele dia de feira ela viu uma criatura estranha na feira, mas não sabia de onde o homem tinha vindo e nunca tinha visto ele antes.

#### A DESCRIÇÃO DA CRIATURA ESTRANHA

Ele era um cavalheiro lindo e “completo”, se vestia com roupa muito boa e muito cara, todas as partes dele eram completas, ele era um homem alto, mas parrudo. Quando esse cavalheiro chegou na feira aquele dia, se ele fosse um produto ou animal à venda, ele ia ser vendido por pelo menos 2 mil libras. Quando esse cavalheiro chegou na feira aquele dia, assim que essa moça viu ele na feira, ela não fez mais nada além de perguntar onde ele morava, mas esse belo cavalheiro não respondeu nem chegou perto dela de jeito algum. E quando ela percebeu que o belo ou completo cavalheiro não ouviu ela, ela largou seus produtos e começou a observar os movimentos do cavalheiro completo na feira e deixou seus produtos sem vender.

Pouco a pouco a feira encerrou os trabalhos daquele dia então todo mundo na feira estava tomando o caminho de volta etc., e o cavalheiro completo estava voltando também, mas como essa moça estava seguindo ele na feira o tempo todo, ela viu ele indo embora assim como os outros, daí ela foi indo atrás dele (o cavalheiro completo) para um lugar desconhecido. E enquanto ela seguia o